

A&E

atividades e experiências



Ano 9 - nº 5 • setembro 2008

Hiperatividade

Distúrbio ou mau comportamento?

Orçamento Familiar

Controle os gastos e cuide da sua família

Vamos falar de sexo?

Jairo Bouer mostra a necessidade de um diálogo aberto entre pais e filhos

Edição Especial Família

[SÉRGIO ROCCA]



Em um modelo nuclear, uma família é formada por um homem, uma mulher e os filhos do casal. As grandes mudanças que a sociedade vem sofrendo nas últimas décadas interferiram nesse padrão tradicional e criaram novos tipos de famílias: hoje a sociedade aceita casais divorciados e mães solteiras, por exemplo, o que não acontecia há algumas décadas. Contudo essas mudanças impuseram novas dinâmicas de relacionamento familiar, tema desta entrevista com o psiquiatra e especialista em conflito familiar, Sérgio Rocca.

POR DIOCSIANNE MOURA



ATIVIDADES & EXPERIÊNCIAS Qual o perfil da família atual?

SÉRGIO ROCCA Até o começo da década de 1980, as famílias constituíam-se mais nuclearmente (pais, mães e filhos) e mais próximos dos avós. Nos últimos 30 anos, vimos uma grande mudança: 50% dos casamentos terminam em divórcios, criando as famílias separadas e posteriormente reconstituídas com outros cônjuges e filhos. As amplitudes desses novos formatos geram dificuldades e conflitos, pois temos crenças mais nucleares. Por outro lado, vivemos uma época impregnada do mercantilismo. O "ter" entra e permeia as famílias regendo muitas vezes as regras do convívio. Além disso, muitos pais passam horas e horas no exercício de suas atividades profissionais e tentam compensar sua falta materialmente e com permissividade.

A&E Por que há tantos conflitos na família e o que fazer quando eles surgem?

ROCCA Nós temos conflitos, dilemas e dificuldades todos os dias. Se vivemos em uma família que consegue resolver seus problemas, aprendemos um modelo de solução e levamos isso para a vida. Se vemos os pais resolvendo conflitos, com a família reunida para discutir alguma dificuldade que afeta a todos, vemos como as pessoas se interessam e participam, e isso nos serve de exemplo. Na nossa geração, era diferente: muitas vezes, nossos pais não precisavam nem falar, com um olhar sabíamos o que precisava ser feito. Hoje em dia, um olhar não significa nada. Além disso, atualmente, as crianças são precocemente estimuladas e erotizadas, tendendo a adotar mais precocemente também.

A&E Como os pais podem lidar com essa precocidade?

ROCCA Os pais procuram fórmulas, e elas não existem, cada família tem de descobrir a sua. O ponto de partida é observar os filhos, ver como eles se relacionam com outras crianças, brincar com eles. Os pais têm de perceber como eles lidam com a raiva, com a frustração, como expressam o afeto e ir estimulando os pontos positivos. O grande método é tentativa e erro: tenta-se de um jeito, se não der, tenta-se de outro. Muitas vezes, o que acontece nas famílias é uma discus-

são sobre qual conduta é a melhor. Entre os pais, quando existe uma disputa, diminui-se a capacidade de observação.

A&E É possível estabelecer um convívio harmonioso em família?

ROCCA A família não é uma harmonia estável, é um processo dinâmico de conflitos, dilemas e soluções. Não existe um modelo estático de família, em que tudo é resolvido calmamente e todos estão sempre felizes. Tem dia que você acorda mais bravo, tem dia que a criança acorda irritada, existem problemas financeiros ou dificuldades de trabalho. Essa estabilidade constante faz parte dos mitos que trazemos da nossa família nuclear: "Casaram-se e foram felizes para sempre." São muitos os contextos que se sobrepõem ao momento atual da história de uma família.

"Não há um manual. Toda família tem uma coisa chamada resiliência, a capacidade de resolver problemas, uma força que nos faz superar dificuldades, e deve usá-la para tal."

A&E Há alguma relação entre as reações sentimentais e racionais dos pais quando o assunto é o uso de drogas, homossexualidade e gravidez na adolescência, por exemplo?

ROCCA Com certeza. Existem pais que conseguem pensar, ler e conversar com outros pais sobre esses assuntos, mas, quando começam a ver o problema acontecendo com seus filhos, têm uma reação diferente, muito mais emocional. Eles conseguem lidar com o problema quando é com o outro, mas têm dificuldades quando se trata da sua casa, porque não conseguem juntar suas crenças emocionais e seus valores racionais. Cabe lembrar que, quando chega a adolescência, existe uma grande mudança: o adolescente quer se desvencilhar do peso de ser a felicidade da família. A adolescência é uma rápida expansão de neurônios, conexões. O adolescente começa a querer expandir seus limites, e os pais devem se preparar para isso.

A&E Por que costuma haver dificuldade de comunicação e relacionamento entre pais e seus filhos adolescentes?

ROCCA Hoje em dia, os adolescentes fazem um muro ao redor de si. Eles não falam o que fazem, não querem saber dos pais perto, ficam cada vez mais desconectados dos adultos. Se fizermos um levantamento nas escolas, vamos perceber que, no Ensino Fundamental, os pais vão muito mais à escola para saber informações sobre os filhos do que no Ensino Médio. Os pais se afastam dos adolescentes e eles, por sua vez, se afastam também. Esse muro é construído dos dois lados. Os pais temem confrontar os adolescentes, que têm alguns padrões de resposta comum. A ira é um padrão de resposta, as omissões, as mentiras, a formação dos grupos. Hoje, o padrão de comportamento dos adolescentes é diferente da década de 1970, quando a psicologia também ajudou os pais a se soltarem, e criou-se a idéia de que teríamos de ser mais permissivos com os filhos porque éramos muito repressivos, abrindo para um outro extremo: o isolamento.

“Os pais se afastam dos adolescentes e eles, por sua vez, se afastam também. Esse muro é construído dos dois lados.”


A&E Podemos dizer que as mudanças culturais que ocorreram ao longo dos anos também refletiram nesse comportamento dos jovens? Como lidar com isso?

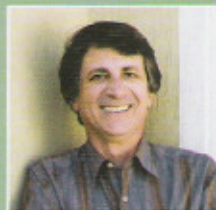
ROCCA Sim. As crianças são bombardeadas por propagandas de brinquedos, roupas, sapatos. Estão em uma cultura que os pais produziram. Não há como culpar a propaganda, nem os pais por trabalhar demais e compensar com presentes, com a desculpa de que “eles vão ter o que eu não tive”. Nós, pais, temos geralmente dois caminhos para educar: fazer exatamente como fizeram conosco, porque achamos que foi bom, ou fazer exatamente o contrário, porque achamos que foi ruim. E acabamos deixando de observar o filho, que é o centro da questão. Cada filho tem uma necessidade, por isso há uma busca por um manual que não existe. É preciso sentar, conversar e estabelecer um acordo, em qualquer modelo de família.

A&E O problema dos jovens com as drogas nos dias atuais pode estar baseado nas mudanças culturais e sociológicas que o senhor citou?

ROCCA Os adolescentes não estão livres de nada. As drogas estão dentro das casas, nas escolas. Temos hoje uma oferta imensa e há que se admitir que existe essa oferta. Antigamente, dizia-se que os jovens procuravam as drogas por causa de conflitos em casa, pelo vazio existencial. Hoje, além da oferta, eles têm a necessidade de ampliar limites, sentir emoções fortes, porque amam ou porque odeiam, já que nessa fase é normal. Existe a cultura da oferta, e o jovem vai ter de dizer não várias vezes. Vivemos em uma cultura de que o máximo é o bom, e esse bom, por vezes, fica médio. Você pode ter um jovem mais tímido, que tem uma dificuldade pessoal e que se solta com a droga; ou um que tem um grau de ansiedade maior, e a droga, de alguma forma, alivia; ou o que tem uma família com um clima emocional difícil e encontra na droga um refúgio. São muitas coisas juntas, e isso torna difícil identificar uma causa única.

A&E Como a família pode definir quais são seus conflitos e onde encontrar a solução?

ROCCA Não há um manual. Cabe lembrar que o grande trabalho não é discutir a causa dos problemas, é buscar forças para resolvê-los. O importante é que as pessoas, além de conversar e expor suas dificuldades, acreditem em seus potenciais. A terapia ajuda nisso: o terapeuta não entra como o especialista do saber, mas como um facilitador de diálogos. É importante que os pais estabeleçam limites e regras de conduta bem claras para cada fase de seus filhos, as tarefas de cada um na vida grupal. Se não der certo, vale tentar de outro jeito. É importante conversar, fazer isso ao menos uma vez por semana, falar sobre a vida e não apenas vivê-la. Com isso, podem-se criar estratégias de convívio muito mais eficientes do que importar uma fórmula. 



SÉRGIO ROCCA

é psiquiatra há 26 anos, especialista em conflitos familiares (casal e família), dependência química e psicodrama. Pós-graduado em Supervisão Clínica pela Universidade de Chicago (Chicago Center for Family Health) e coordenador

da Formação em Terapia de Casal e Família da pós-graduação do ISBL, de Londrina (PR).